

A REJEIÇÃO MATERNA COMO FATOR DE RISCO NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO INFANTIL

Geísa Caldeira Santana ¹
Magalí de Paula Silva Santana ²

psicomagalisantana@gmail.com

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

RESUMO

Este estudo investigou os efeitos da rejeição materna no desenvolvimento emocional infantil, tendo como base um estudo de caso de uma criança de 10 anos diagnosticada com Deficiência Intelectual Moderada e TDAH, além de um histórico de rejeição materna. A rejeição, caracterizada por negligência emocional e agressões verbais, impactou severamente sua autoestima, dificultou suas relações sociais e desencadeou episódios de ideação suicida, com tentativas de autoextermínio. Com suporte nas teorias de John Bowlby e Donald Winnicott, o estudo reforça a importância do vínculo afetivo materno como elemento fundamental para a segurança emocional e o desenvolvimento saudável. Ainda que a rejeição materna tenha causado danos significativos, figuras substitutas podem desempenhar um papel compensatório, reduzindo os impactos negativos. A psicologia assume um papel crucial ao desenvolver estratégias terapêuticas que promovam a resiliência emocional, habilidades sociais e capacitação dos cuidadores, ajudando na superação de traumas. O estudo também ressalta a urgência de ampliar o acesso a serviços de saúde mental infantil e conscientizar a sociedade sobre os impactos duradouros da rejeição materna. Promover redes de apoio e iniciativas de prevenção é essencial para proteger crianças em situações semelhantes e garantir seu bem-estar emocional e social.

PALAVRAS-CHAVE: rejeição materna; negligência emocional; saúde mental infantil.

1 INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988 traz em seu artigo 196 que a saúde é um direito de todos e responsabilidade do Estado, assegurada por meio de políticas sociais e econômicas que buscam diminuir os riscos de doenças e outros problemas, além de garantir acesso universal e igualitário aos serviços e ações voltados à promoção, proteção e recuperação da saúde (Brasil, 1988).

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix.

² Psicóloga e Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Univértix.

Para Buss (2000), saúde não se resume apenas à falta de doenças, mas envolve um estado de bem-estar e qualidade de vida. Isso significa que a saúde é um conceito dinâmico, moldado por fatores sociais, econômicos e ambientais, em vez de ser apenas uma condição biológica fixa. Portanto, a saúde deve ser entendida como resultado de interações complexas e contextuais, refletindo as condições de vida e o acesso a recursos e cuidados adequados.

Com o objetivo de garantir o direito à saúde a todos os cidadãos brasileiros, foi criado a partir da Constituição Federal de 1988 o Sistema Único de Saúde (SUS), definido como um sistema de saúde público, universal e gratuito. Resultante de lutas políticas, especialmente dos movimentos sanitários que defendiam a reforma no sistema de saúde brasileiro, o SUS constitui uma importante conquista social que transcende a oferta de serviços de saúde, abrangendo também políticas de saúde pública, programas de vacinação e ações de vigilância sanitária e epidemiológica. Essa definição traz à tona não apenas o funcionamento técnico do SUS, mas também seu papel como um mecanismo de inclusão social e de combate às desigualdades no acesso à saúde no Brasil (Paim, 2009).

O estudo em questão surge a partir de uma experiência de estágio básico supervisionado em Saúde, do curso de Psicologia. Foram realizadas observações semanais por meio do acompanhamento dos serviços prestados por uma psicóloga da rede municipal de saúde, responsável pelo desenvolvimento e implementação do projeto CAN (Centro de Atenção do Neurodesenvolvimento - Saúde Integrada).

Durante as observações de estágio no projeto CAN, o caso de uma criança chamou a atenção. Segundo a psicóloga, responsável pelo serviço e que acompanha a criança, há uma vivência de rejeição materna no histórico dessa criança. Essa experiência motivou o tema de estudo deste trabalho.

De acordo com Nancy McWilliams (2014), a rejeição materna pode ter consequências emocionais profundas nas crianças, levando a problemas de autoestima, dificuldades nas relações interpessoais e até transtornos de ansiedade e depressão. Essas crianças frequentemente internalizam a sensação de que não são dignas de amor, o que impacta sua capacidade de formar vínculos saudáveis na vida adulta e pode resultar em comportamentos de busca por aprovação excessiva. A longo prazo, essas dinâmicas podem se manifestar em relações problemáticas e padrões autodestrutivos. O apoio terapêutico é fundamental para ajudar a ressignificar

essas experiências e promover uma nova narrativa de autovalorização e relacionamentos saudáveis.

O objetivo deste trabalho é analisar como a rejeição materna pode representar riscos para o desenvolvimento psicológico infantil e de que forma a psicologia pode contribuir para a redução desses riscos.

Trabalhos como este contribuem como orientação, ajudando profissionais de saúde mental na identificação e elaboração de estratégias terapêuticas, além de apoiar intervenções familiares, sensibilizando a sociedade sobre os impactos negativos de vínculos parentais disfuncionais e ajudando na prevenção de abusos emocionais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a “Teoria do Apego” desenvolvida por John Bowlby, a relação entre mãe e filho é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança. O vínculo afetivo criado proporciona segurança e apoio emocional. Esse apego primário permite que a criança explore o mundo com confiança, sabendo que pode retornar a uma figura de referência que atende suas necessidades emocionais. O autor relata que a qualidade dessa relação afeta diretamente a formação da autoestima, a capacidade de regular emoções e a habilidade de estabelecer relacionamentos saudáveis no futuro. A segurança emocional oferecida pela mãe é essencial para o desenvolvimento de uma personalidade equilibrada e resiliente, sendo crucial para a saúde mental ao longo da vida (Bowlby, 1982).

Bowlby (1982) descreve diferentes tipos de apego que se desenvolvem entre mãe e filho, impactando profundamente suas interações futuras. O apego seguro caracteriza-se por um vínculo saudável, permitindo que a criança se sinta à vontade para explorar o ambiente, confiante de que a mãe estará disponível em momentos de necessidade. O apego inseguro pode se manifestar de duas formas: evitativa, em que a criança evita a proximidade emocional, e ambivalente, na qual ela alterna entre buscar conforto e demonstrar ansiedade. Por fim, o apego desorganizado surge em contextos de trauma ou incoerência na relação, resultando em comportamentos confusos e contraditórios. Essas diferentes formas de apego refletem as experiências emocionais da criança e têm consequências significativas para seu desenvolvimento social e emocional.

Outro conceito amplamente explorado na compreensão da relação materna é a ideia de "mãe suficientemente boa", desenvolvida por Donald Winnicott. O autor enfatiza que esse conceito é essencial para o desenvolvimento emocional saudável da criança. A mãe não precisa ser perfeita; o que realmente importa é sua capacidade de oferecer um ambiente acolhedor e atender às necessidades emocionais da criança de forma consistente. Essa figura materna fornece a segurança necessária para que a criança possa explorar o mundo e desenvolver sua identidade, fazendo-a sentir-se aceita e amada, mesmo com suas imperfeições. A presença desse apoio emocional é fundamental para a formação de vínculos seguros e para o amadurecimento emocional, estabelecendo uma base sólida para relacionamentos saudáveis ao longo da vida (Winnicott, 2022).

Crianças que enfrentam rejeição materna podem experimentar diversas consequências emocionais que impactam seu desenvolvimento psicológico, como a formação de baixa autoestima, dificuldade em estabelecer vínculos afetivos saudáveis e problemas na regulação emocional. A rejeição pode gerar sentimentos de inadequação e insegurança, prejudicando a capacidade da criança de confiar nos outros e de se sentir valorizada. Essas experiências adversas podem se manifestar em comportamentos de evitação, ansiedade e dificuldades nas relações interpessoais na vida adulta (Winnicott, 2022).

A rejeição materna tem impactos profundos e duradouros no desenvolvimento emocional da criança. Segundo o estudo de Prestes e Abeche (2017), a rejeição materna pode se manifestar de várias formas, como a negligência emocional, a indiferença afetiva ou o distanciamento físico e psicológico. Esses comportamentos geram um ambiente emocional instável, privando a criança da segurança e do afeto necessários para o seu desenvolvimento saudável. Como resultado, a criança pode apresentar dificuldades em desenvolver vínculos seguros, acarretando transtornos de apego e contribuindo para a formação de uma autoestima fragilizada. Essa carência emocional pode se refletir em comportamentos de insegurança, ansiedade, baixa capacidade de enfrentamento de desafios e vulnerabilidade a transtornos emocionais, como depressão e ansiedade.

O impacto da rejeição materna vai além do vínculo direto com a figura materna, afetando a maneira como a criança interage com o mundo ao seu redor. Crianças que enfrentam essa rejeição tendem a ter dificuldades em estabelecer relacionamentos

interpessoais saudáveis e confiar nas pessoas, prejudicando suas habilidades sociais e emocionais. Esse cenário também pode levar a dificuldades escolares e problemas de comportamento, pois a criança pode buscar formas disfuncionais de chamar a atenção ou expressar sua dor emocional. O apoio psicológico é fundamental para identificar e trabalhar essas questões precocemente, ajudando a minimizar os efeitos negativos e promover um desenvolvimento mais equilibrado e resiliente (Prestes e Abeche, 2017).

A relação de apego é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança, e essa relação não se limita à figura materna. Outras pessoas significativas, como pais, avós, tios ou cuidadores, podem assumir o papel de figuras maternas substitutas, desempenhando um papel crucial na formação de laços afetivos e na promoção da segurança emocional. A qualidade do apego estabelecido com essas figuras é essencial para o desenvolvimento saudável da criança. Quando a figura materna está ausente ou rejeita a criança, esses cuidadores alternativos podem oferecer suporte emocional, estabilidade e carinho, ajudando a criança a desenvolver um senso de segurança e a enfrentar desafios emocionais. A presença de figuras de apego alternativas é vista como um fator protetivo, capaz de minimizar os efeitos negativos da rejeição materna, promovendo um desenvolvimento emocional mais equilibrado e resiliente, o que sublinha a importância da rede de apoio nas relações interpessoais e na construção da saúde emocional ao longo da vida (Bowlby, 2002).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, que utilizou a observação como técnica para coleta de dados. Segundo Martins (2004), a pesquisa qualitativa é caracterizada por focar na análise de microprocessos, estudando as ações sociais tanto individuais quanto grupais. Esse tipo de pesquisa realiza um exame aprofundado dos dados e se distingue pela diversidade de abordagens na análise.

Já o método de observação é considerado por Rampazzo (2005) como fundamental nas ciências; sem ele, o estudo da realidade e de suas leis se restringe a meras hipóteses e suposições. Observar implica direcionar atentamente os sentidos a um objeto, a fim de captar um conhecimento claro e preciso. Por meio da observação, pesquisas e descobertas podem ser realizadas. Para uma observação eficaz, são necessárias condições físicas, intelectuais e morais. Os instrumentos de

trabalho referem-se às condições físicas, enquanto a aptidão intelectual, o interesse, a paciência, a disposição e a imparcialidade dizem respeito às condições intelectuais e morais que devem acompanhar toda pesquisa. A observação deve ser atenta, precisa, completa e metódica.

Este estudo faz parte do cumprimento do estágio supervisionado do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix. A observação foi realizada no projeto Centro de Atenção do Neurodesenvolvimento (CAN), um projeto multidisciplinar que visa acolher de forma qualificada crianças de 0 a 12 anos que sofrem com transtornos do neurodesenvolvimento em uma cidade do interior de Minas Gerais. Atualmente, por estar em fase de implementação, o projeto conta com duas profissionais: uma psicóloga e uma educadora física, mas seu escopo prevê a presença de outros profissionais, como fisioterapeutas e fonoaudiólogos. Considerando que os cuidadores de crianças com necessidades especiais também enfrentam desafios, o projeto pretende, por meio de grupos, oferecer acolhimento a essas pessoas, fornecendo orientação sobre como ajudar a criança e criando um espaço onde os cuidadores se sintam acolhidos e ouvidos durante o atendimento às crianças (Souza, 2023).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização do estágio, por meio das observações realizadas semanalmente e também dos diálogos com a psicóloga responsável pelo projeto, foi possível realizar levantamentos sobre a criança, que foi inspiração para o desenvolvimento desse estudo. Trata-se de João (nome fictício), 10 anos. A criança foi levada ao serviço pela mãe após ser pressionada pela escola devido à sua dificuldade de aprendizagem. João já havia sido atendido anteriormente no CAPS infantil, mas não deu continuidade ao tratamento.

Segundo relatos da Psicóloga, a mãe relatou durante o acolhimento que procurava um laudo psicológico para pleitear o Benefício de Prestação Continuada (BPC), o qual só conseguiria com a obtenção de um relatório psicológico. Após o diagnóstico de deficiência intelectual moderada e TDAH, João obteve a aprovação do BPC. No entanto, a mãe, após conseguir o benefício, demonstrou interesse em interromper o acompanhamento psicológico do filho, mas foi orientada pela psicóloga

de que, por lei, deveria acionar o Conselho Tutelar para garantir que o atendimento fosse mantido.

Segundo a psicóloga, a criança apresenta dificuldades significativas em se relacionar e criar vínculos afetivos com outras pessoas, além de prejuízos significativos no seu desenvolvimento psicológico. A relação com a mãe, segundo percepções da psicóloga, é marcada não apenas pela rejeição, mas também pela agressividade da mãe em relação a criança.

Bowlby (1982), enfatiza a importância das interações iniciais entre a criança e seus cuidadores, especialmente com a mãe, como fundamentais para o desenvolvimento de vínculos afetivos saudáveis. Através da Teoria do Apego, ele aponta que essas interações, quando consistentes e acolhedoras, oferecem à criança uma base segura, incentivando sua confiança para explorar o mundo ao redor e fortalecer sua resiliência emocional. A falta ou ruptura desses laços pode gerar dificuldades emocionais e de comportamento, afetando a habilidade da criança em formar relações saudáveis e prejudicando seu desenvolvimento emocional no decorrer da vida.

João demonstra ser extremamente carente, apresentando dificuldades em receber elogios e demonstrações de afeto, como abraços. Ele não sabe como reagir a essas manifestações de carinho, o que pode indicar uma falta de experiência em interações afetivas positivas. Para suprir essa necessidade de afeto, ele prefere passar o tempo na rua, onde se sente mais à vontade e encontra amigos que lhe oferecem demonstrações de afeto.

Garcia (2005) discute a importância das relações de amizade na infância, destacando que essas relações podem ter um papel compensatório quando a criança enfrenta a falta de suporte emocional no ambiente familiar. A amizade, segundo a autora, oferece um espaço de acolhimento e apoio emocional, onde a criança pode compartilhar experiências, desenvolver habilidades sociais e construir vínculos de confiança e reciprocidade. Assim, as amizades podem servir como uma importante fonte de apoio afetivo, ajudando a amenizar as consequências da ausência de suporte emocional em casa e contribuindo para o desenvolvimento emocional saudável da criança.

A situação torna-se ainda mais alarmante com a presença de ideação suicida, pois o menino já tentou autoextermínio em duas ocasiões: uma ao tentar pular da

sacada e outra ao tentar cortar o pescoço com uma faca. A resposta da mãe a essas tentativas foi de desprezo e indiferença, afirmando que ele "tinha que morrer logo para acabar com isso". Essa reação desqualifica o sofrimento da criança e intensifica os sentimentos de frustração e tristeza em relação à mãe. A psicóloga relata que isso também acabou por reforçar sua percepção de que não poderia esperar apoio ou carinho da mãe. Apesar de sua dor, o menino expressa o desejo de que sua mãe fosse mais carinhosa, o que evidencia uma necessidade profunda de amor e aceitação.

A negligência emocional, caracterizada pela ausência de afeto e atenção, compromete o desenvolvimento de um senso de segurança e autoestima, enquanto a violência verbal, por meio de críticas e humilhações, afeta a autoconfiança e gera sentimentos de inadequação. Ambos os fatores aumentam o risco de problemas emocionais, como ansiedade, depressão e dificuldades de relacionamento, além de dificultarem a formação de uma autoimagem positiva e a capacidade de regular emoções. Essas experiências adversas, quando vividas na infância, podem afetar o desenvolvimento global da criança, prejudicando tanto a saúde mental quanto a qualidade das suas relações futuras (Sousa *et al.*, 2023).

Outro ponto destacado pela psicóloga, é que a criança também enfrenta dificuldades em expressar suas necessidades e emoções, não sabe pedir ajuda ou comunicar quando não está se sentindo bem ou quando sente dor. No entanto, durante os atendimentos, tem mostrado progressos, começando a se sentir mais confortável para expressar que deseja ir embora ou que não está bem. Essa mudança positiva é um sinal de que, apesar das dificuldades, ele está começando a desenvolver habilidades emocionais e sociais que são fundamentais para o seu bem-estar.

A comunicação e a autoexpressão são fundamentais para um desenvolvimento emocional saudável na infância. Um ambiente acolhedor e seguro permite à criança expressar livremente suas emoções, pensamentos e necessidades, promovendo a construção de uma identidade autêntica e fortalecendo seu senso de existir. Além disso, o autor aponta que interações com cuidadores que compreendem e respondem de forma empática às expressões da criança ajudam-na a construir confiança, a sentir o mundo como um lugar seguro e a desenvolver uma continuidade emocional que integra o próprio self (Winnicott, 2022).

Segundo Adorian (2024), quando há rejeição por parte da mãe, outras pessoas podem assumir o papel de cuidadoras e dar à criança, o suporte emocional necessário. Cuidadores como pais, avós, outros familiares ou até professores podem oferecer um ambiente seguro e acolhedor, ajudando a reduzir os efeitos negativos da rejeição materna. Se essas figuras substitutas forem constantes e confiáveis, elas podem compensar a falta de vínculo com a mãe e favorecer o desenvolvimento emocional da criança, permitindo que ela cresça com mais confiança para se relacionar com os outros na vida adulta.

A figura materna substituta para a criança se revela em sua irmã, que, com aproximadamente dois anos a mais, assume responsabilidades que normalmente seriam da mãe, como ajudá-lo com as atividades escolares. Essa dinâmica revela como a ausência de uma mãe afetuosa e presente pode levar a criança a buscar apoio em outras figuras significativas, que desempenham um papel fundamental em seu desenvolvimento emocional e na formação de vínculos afetivos saudáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar as consequências da rejeição materna no desenvolvimento emocional da criança e destacar a relevância da intervenção psicológica para amenizar esses impactos. A experiência de rejeição por parte da mãe, como observada no caso de João, revelou-se potencialmente danosa ao desenvolvimento de uma autoimagem positiva, à capacidade de formar vínculos afetivos e à regulação emocional. Tais dificuldades se expressam em problemas de autoestima, comportamento, ideação suicida e dificuldades de socialização, ilustrando o quão fundamental é a presença de um suporte afetivo para o desenvolvimento infantil saudável.

Com base nas teorias de John Bowlby e Donald Winnicott, observou-se que o vínculo materno-afetivo é um dos pilares centrais para a construção da segurança emocional e da autoestima nas crianças. Bowlby enfatiza que a falta de um apego seguro com a figura materna pode acarretar problemas emocionais duradouros, o que evidencia a necessidade de um ambiente familiar acolhedor e estável. Da mesma forma, Winnicott sugere que uma "mãe suficientemente boa" pode proporcionar à criança uma base emocional sólida, o que a ajuda a lidar com as frustrações e desafios da vida.

No caso de João, a ausência desse suporte materno foi parcialmente suprida por outras figuras de apego, como sua irmã mais velha. Essa dinâmica reforça a importância das figuras substitutas, que podem minimizar os efeitos negativos da rejeição materna, oferecendo à criança um ambiente seguro onde ela possa desenvolver uma autoimagem positiva e aprender a confiar nos relacionamentos interpessoais.

A psicologia desempenha um papel crucial ao oferecer apoio a crianças que enfrentam rejeição materna, ajudando-as a construir resiliência e a ressignificar suas experiências. Os profissionais da saúde mental podem, por meio de estratégias terapêuticas, auxiliar essas crianças a desenvolver habilidades emocionais e sociais fundamentais para seu bem-estar, além de oferecer orientações aos cuidadores e familiares, capacitando-os a serem fontes de apoio mais eficazes.

Este estudo ressalta a necessidade de sensibilizar a sociedade sobre os efeitos adversos de um vínculo materno disfuncional e de promover ações preventivas e interventivas no ambiente familiar. Destaca-se a importância de políticas públicas que fortaleçam redes de apoio e facilitem o acesso aos serviços de saúde mental infantil, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Em resumo, a rejeição materna é um fator de risco significativo para o desenvolvimento emocional da criança, mas com apoio adequado, é possível construir alternativas que minimizem seu impacto e promovam um crescimento emocional saudável.

REFERÊNCIAS

ADORIAN, Rebeca Thifanny Leal *et al.* Teoria do apego. **Revista Cathedral**, v. 6, n. 2, p. 103-122, 2024. Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/777/227>. Acesso em: 29 set. 2024.

BRASIL. **Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Artigo 196, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 17 set. 2024.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BOWLBY, John. **Apego e perda: a natureza do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, p. 163-177, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2000.v5n1/163-177/pt>. Acesso em: 17 set. 2024.

DE OLIVEIRA SOUSA, Anne Rafaelle *et al.* Negligência familiar e os impactos na criança: revisão integrativa. In: DE OLIVEIRA SOUSA, Anne Rafaelle. **Atenção integral em saúde: saúde da criança: abordagem a temas críticos infantojuvenis**. v. 2, p. 24, 2023. Disponível em: https://www.poisson.com.br/livros/individuais/Atencao_Saude/volume2/Saude_da_Crianca_Vol2.pdf#page=24. Acesso em: 29 set. 2024.

GARCIA, Agnaldo. Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 2, 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328067063.pdf>. Acesso em: 29 set. 2024.

MARTINS, Heloisa Helena T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2024.

MCWILLIAMS, Nancy. **Diagnóstico psicanalítico: entendendo a estrutura da personalidade no processo clínico**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788565852982/pageid/2>. Acesso em: 29 set. 2024.

PAIM, Jairnilson. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: SciELO-Editora Fiocruz, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=5unrAgAAQBAJ>. Acesso em: 17 set. 2024.

PRESTES, Vivian Rafaella; ABEICHE, Regina Perez Christofolli. O fantasma da rejeição materna e seus impactos no desenvolvimento emocional: um estudo de caso. **Temas Gerais em Psicologia**, p. 48, 2017.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SOUZA, Geisa Gabriele de. CAN – Centro de Atenção do Neurodesenvolvimento – Saúde Integrada. Secretaria Municipal de Saúde, Matipó – MG, 2023. (Material não publicado)

WINNICOTT, Donald. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=04yBEAAAQBAJ>. Acesso em: 29 nov. 2024.